

"A PALAVRA DE DEUS, NO CORAÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO"

*"Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações,
nem tantos pregadores como hoje.
Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto?
Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva,
não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane.
Que é isto?
Assim como Deus não é hoje menos onnipotente,
assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era.
Pois se a palavra de Deus é tão poderosa;
se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores,
porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus?"*

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermão da Sexagésima*, 1655

No contexto das Jornadas de Teologia que têm como tema "*De um Cristianismo perdido a uma Nova Evangelização*", a minha reflexão coloca-se na perspectiva de quem procura seguir o itinerário da Palavra de Deus neste processo: um Cristianismo perdido nos seus caminhos, desorientado nos seus propósitos, aparentemente sem frutos do seu esforço, carente de objectivos claros, reconhece hoje a urgência de uma Nova Evangelização. Que papel ocupa nesse processo a Palavra de Deus? "*A Palavra de Deus, no coração da Nova Evangelização*", foi o desafio: Será a Palavra o sangue novo e revitalizador da fé e da esperança cristãs, que nos leve a redescobrir e a apresentar o Cristianismo com um novo rosto e uma nova vitalidade? Que propostas apresenta, para tal, a Igreja de hoje?

I – DA VOZ QUE SE CALA... À PALAVRA QUE ESQUECE

A relação de Deus com a humanidade define-se por um diálogo que teve a sua origem na iniciativa divina que, de muitas e diversas maneiras enviou o seu “Logos”, “Verbo” ou Palavra ao encontro da pessoa humana. A Palavra divina e eficaz, criadora e salvadora está, no princípio do ser e da história, da criação e da redenção, está no centro, no coração, da comunicação de Deus com o homem; até quando a revelação se concretiza pela Criação, situações humanas ou acontecimentos da História, todos estes meios são compreendidos apenas através da intervenção da Palavra.

1. “Escuta Israel!...”: a voz de um Deus que fala

Esta relação entre a Palavra e a vida estabelece-se através da resposta à voz de Deus quase falando ao ouvido: “Escuta, Israel” (Dt 6,4) ou às intervenções proféticas espicaçadas não só pelo desafio divino a “falar”,¹ mas pela consciência da presença de Deus na Palavra – “assim fala o Senhor” – ou pelo conclusivo “oráculo de Jahweh”; todos estes elementos definirão o homem crente como “um ouvinte da Palavra”, da palavra falada, da voz que se ouve e não se deixa “levar pelo vento”. A resposta ou não a essa Palavra estabelece os termos duma relação do homem com Deus, termos que haveriam de encontrar uma dimensão particularmente dramática na recente afirmação de Bento XVI que considera o *pecado* como recusa do diálogo com Deus, como atitude arrogante do homem que “deixa Deus a falar sozinho”...

¹ “A Bíblia está cheia de apelos a “não calar”, a “gritar com força”, a “anunciar a Palavra em momento oportuno e importuno”, a ser guardiões que rompem o silêncio da indiferença” (GIANFRANCO RAVASI, “*Mensagem Final do Sínodo dos Bispos*”, realizado em 2008, sobre “A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”, n. 10).

A partir do momento em que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14), a Palavra de Deus ganhou uma nova dimensão, tornou-se uma pessoa, “ganhou um rosto”,² incrementando mais ainda a exigência de uma resposta e de um encontro pessoal do homem com Deus através da mediação da Palavra. Sendo verdade que era a palavra que representava a componente maior da revelação profética, com Jesus Cristo não só é a Palavra divina que se torna acção – “disse e foi feito” – mas acção e gesto tornam-se Palavra e Revelação, ao ponto de Pedro poder definir Jesus como alguém que “passou a vida *fazendo o bem*” (Act 10, 38). No entanto, mesmo em Jesus, a Palavra representa uma percentagem considerável da sua acção, de que os *Discursos* e *Parábolas* referidos nos Evangelhos são uma expressão clara.³ É neste contexto de presença, acção e palavra de Jesus Cristo que se entende o termo “evangelho” e “evangelização”; não se trata apenas do surpreendente despertar da palavra e da voz profética, de há muito adormecidas, mas sobretudo do cumprimento da profecia de Isaías, citada por Jesus em resposta às dúvidas de João Baptista: “os cegos vêem, os coxos andam, os pobres são evangelizados...” (Mt 11, 5). A novidade da mensagem de Jesus – *Evangelho* ou *Boa Nova* – não está na sua originalidade nem, muito menos, no método utilizado, por demais conhecido, ao ponto de as multidões identificarem Jesus com os antigos profetas, mas precisamente no facto de a utopia profética dos “bens messiânicos” encontrar nele uma realização que

² Considero particularmente feliz esta expressão da *Mensagem*.

³ Apesar de tudo “é surpreendente ver em que medida é poupado em palavras o plano da Encarnação. Jesus permanece calado durante trinta anos e apenas fala durante três anos. E o que é mais surpreendente ainda é que, durante esses três anos reserva grandes momentos à solidão e à oração” (THIERRY-DOMINIQUE HUMBRECHT, *El Teatro de Diós. Discurso sin pretensiones sobre la elocuencia cristiana*, Ed. San Esteban, Salamanca, 2005, p. 34).

recuperava a *força da Palavra* de outrora: “todos se admiravam porque lhes falava com autoridade e não como os escribas” (Mc 1, 22).

Jesus tinha anunciado aos discípulos que “haveriam de fazer coisas maiores do que as que ele fazia” (Lc 14, 12) e, por isso, esta nova utopia transformava-se, por sua vez, em Boa Nova, à medida que o anúncio da ressurreição do Senhor era confirmado pelos milagres que acompanhavam a Palavra dos discípulos. Podemos assim dizer que a evangelização, anúncio da “novidade”, agora sim, da ressurreição, recuperando a força da Palavra de Jesus, veiculada pelos discípulos – “em nome do Senhor Jesus de Nazaré, levanta-te e anda!...”(Act 3, 6) –, anúncio acompanhado das mesmas palavras e gestos do Jesus Histórico “profeta poderoso em obras e palavras” (Lc 24, 19), tinha o condão de transformar a vida dos seguidores do ressuscitado, à medida que se iam constituindo em pequenas comunidades “assíduas à fracção do pão e ao ensinamento dos Apóstolos” (Act 2, 2).

2. A palavra à procura de um código: As Escrituras

Na sequência da tradição judaica, particularmente da sinagoga, centrada na escuta da Palavra – uma palavra muitas vezes transformada em canto⁴ – de que a vida de Jesus nos deixa alguns exemplos, também as comunidades cristãs se caracterizavam por esta *escuta atenta da palavra proclamada*, ao ponto de o próprio São Paulo escrever que “a fé vem daquilo que se ouve” (Rom 10, 17), ou da pregação, como habitualmente se diz. Esta importância da palavra falada e da audição, elemento fundamental na tradição judaica,

⁴ Sabemos que a Sagrada Escritura, mais do que uma obra literária, é uma enorme partitura com uma grande profusão de sinais “ecfonéticos” representando inflexões da voz, cadências, para a proclamação cantada do texto, para além das indicações de ordem musical que acompanham os textos dos Salmos.

haveria de caracterizar também a vida, o culto das comunidades e o sentido futuro da liturgia, dando origem a diversas formas de comunicação tanto pelo lado da proclamação e da oratória como do próprio canto cristão – o *canto gregoriano* – que haveria de nascer da própria sonoridade e estrutura da palavra falada.

A necessidade de a palavra falada passar à linguagem escrita não lhe retira o relevo dado à dimensão oral, quer no que respeita à palavra profética, só passada a escrito depois de falada, quer às palavras de Jesus, transmitidas em primeiro lugar pela Igreja, através da tradição oral e só muito depois passadas a escrito pelos evangelistas. Mesmo nas “*γραφαί*” (escrituras) – onde a palavra feita *carne* agora se faz *Livro*⁵ – prevalece a dimensão de oralidade, tanto na estrutura dos textos como em expressões dos mesmos, a saber: “disse Jesus” aos discípulos, às multidões, a Pedro ou a Tomé ou a célebre confissão de Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Vós tendes palavras de vida eterna” (Jo 6, 68). O próprio Jesus, quando apela à mensagem veterotestamentária diz: “ouvistes o que foi dito” ou “diz a Escritura”, e só em polémica com os escribas e os cultores da *letra* da Lei, ou até com o diabo, replica com: “está escrito”.⁶ A Palavra “renasce”, “vive”, “respira”, “actua” quando é dita e, mais ainda,

⁵ “A tradição cristã colocou várias vezes em paralelo a Palavra divina que se faz “carne” com a mesma palavra que se faz “livro”. É o que já aparece no Credo quando se professa que o Filho de Deus “por obra do Espírito Santo, incarnou no seio da Virgem Maria”, mas também se professa a fé no mesmo “Espírito Santo que falou pelos profetas” (GIANFRANCO RAVASI, “*Mensagem Final do Sínodo*”, n. 5).

⁶ A expressão “está escrito” aparece em contextos polémicos: com o demónio em Mt 4, 7-10; com os judeus em Mt 14, 10; 21, 13; 26, 31 e Lc 19, 46; a pergunta “Que está escrito?” em Lc 10, 20; no diálogo com os discípulos de Emaús em Lc 24, 44. A expressão “foi dito” encontra-se no contexto da releitura da Lei em Mt 5, 21-48; a expressão “diz a Escritura” aparece como esclarecimento da palavra de Jesus: Jo 7, 38: “quem crê em mim, como diz a Escritura, dele brotarão rios de água viva”; em Mt 26, 54 e Mc 15, 29: “Como se cumpriram as Escrituras que dizem...”, ou Lc 4, 21: “cumpriu-se a Escritura que acabais de ouvir...” Mesmo não se tratando de algo rigorosamente definido em termos de linguagem, não deixa de ser pertinente esta constatação.

quando conserva uma relação forte com a voz, com a sonoridade original, ao ponto de as línguas bíblicas – *hebraico* e *grego* – se constituírem como elemento fundamental para a compreensão da Sagrada Escritura, facto para o qual já o próprio São Jerónimo chamou a atenção.

Uma vez que, por circunstâncias diversas, se passou à utilização e mesmo à veneração das *Sagradas Escrituras* (a Palavra entendida como documento escrito), essa utilização e veneração tem como fundamento a possibilidade de representar graficamente a palavra pronunciada permitindo o regresso à sua expressão oral. Daí a dimensão cultural e litúrgica que envolve a leitura e proclamação da Palavra de Deus, seja a partir do *Leccionário* seja de uma edição da *Sagrada Escritura*, não só como relato de acontecimentos, ou pelo significado literário ou semiótico de uma narrativa, mas em virtude do próprio dinamismo da Palavra. Aqui se encontra o fundamento da devoção pelas Sagradas Escrituras, não tanto relativa ao *Livro* – já que não somos uma *religião do Livro* – mas em virtude da sua proclamação viva nas diferentes celebrações.⁷

A leitura, o estudo e a interpretação da Palavra de Deus constituíam algo de perfeitamente normal na vida da Igreja, tanto como proposta de acção para todos os crentes como enquanto desafio para os pastores e teólogos. É destes que nos vem a demonstração do interesse pela Sagrada Escritura e a relação pessoal que estabeleciam com ela: São Jerónimo, o grande biblista a quem devemos a primeira versão completa da Bíblia em latim, chegou ao ponto de dizer que “ignorar a Bíblia era o mesmo que ignorar a Cristo”. Por seu lado, Santo Agostinho dava um tal relevo à Palavra

⁷ Não é difícil compreender que, analogamente a uma partitura musical que não é música a não ser que seja executada para ser escutada, e pouco valerá como documento escrito, assim também a Sagrada Escritura é uma partitura que se destina a ser executada para ser ouvida, escutada e chegar mais ao coração que à inteligência ou razão.

de Deus nos seus escritos que se poderia reconstituir grande parte da Bíblia a partir da sua obra: cita 13.276 vezes o Antigo Testamento e 29.540 vezes o Novo.⁸ Mais tarde, o Papa São Gregório Magno escrevia este extraordinário e muito citado elogio : “A Sagrada Escritura anuncia a verdade, chama à pátria celeste, muda o coração de quem a lê, afasta dos desejos terrenos e faz abraçar os celestes; compromete os fortes com as palavras mais obscuras e atrai os pequeninos com discursos simples; não é tão inacessível que nos devamos assustar, nem tão óbvia que perca o interesse. A familiaridade com ela afasta o aborrecimento e quanto mais a meditamos mais a amamos; ela vem em auxílio do leitor com palavras simples e eleva-o aos lugares mais sublimes; em certo sentido ela cresce com quem a lê; até os leitores mais limitados a podem compreender em parte e, por outro lado, os sábios sempre encontram novidade”.⁹ Esta importância da Sagrada Escritura, testemunhada pelos Padres da Igreja, assenta na sua utilização litúrgica e enquanto fonte de ensinamentos para os cristãos; porém, este facto virá também a transformar a Sagrada Escritura num livro de estudo, fonte de reflexão, objecto de especulação, nomeadamente a partir do momento em que a influência da filosofia se tornou determinante na “evolução do dogma”. É assim que encontraremos muito cedo as formulações da fé em termos mais filosóficos do que bíblicos, como acontece já com o Credo Niceno-Constantinopolitano. Isto não impediria, apesar de tudo, uma aproximação à Palavra de Deus no ambiente de silêncio dos mosteiros e como proposta para a vida pessoal de muitos cristãos. No primeiro caso temos o exemplo de São Bento propondo aos seus monges um contacto íntimo com a

⁸ Do eremita Santo Antão conta Santo Atanásio que, com tal frequência lia e meditava a Sagrada Escritura que para o final da vida já dispensava a leitura do texto porque o sabia de cor. Parece que o mesmo se passava com Santo Agostinho e outros.

⁹ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Comentário a Job*, XX, 1, in *Enchiridion Biblicum*, n. 32.

Sagrada Escritura através da *lectio divina*;¹⁰ no segundo caso, recordamos a afirmação de S. Gregório Magno para quem “a Bíblia cresce com quem a lê” e, mais ainda, que “ela revela a cada um o seu verdadeiro rosto”. A convicção sobre a necessidade desta relação pessoal com a Palavra de Deus levava os Padres da Igreja a aconselhar os próprios analfabetos a encontrarem alguém que lhes lesse o texto bíblico, nomeadamente os mais ricos que poderiam pagar esse serviço; para os mais simples divulgou-se a “bíblia dos pobres”, onde a mensagem bíblica era transmitida através de imagens. Haveria de ser esta espécie de “iliteracia” religiosa a transformar a relação dos cristãos com a Palavra de Deus, à medida que a linguagem da liturgia e da Sagrada Escritura se ia também afastando da língua falada: tal como acontecera com o hebraico e o grego, também agora o latim se tornava progressivamente uma língua estranha para a maioria, dificultando uma relação pessoal e directa com a Palavra de Deus; esta relação passou a ser substituída pelo comentário, mais ou menos fundamentado, imagem, ou dramatização de algumas cenas bíblicas, transformadas agora em exemplos edificantes que espevitavam o sentimento, mas eram incapazes de comunicar a força da Palavra de Deus. Neste contexto, surgem alguns desvios na leitura, interpretação e mesmo aceitação da literatura bíblica, com relevo para a heresia de Marcião (ca. 144)

¹⁰ “O exemplo de São Bento e a sua Regra oferecem significativas indicações para acolhermos plenamente o dom constituído por tais ocorrências. Convidam antes de mais a um testemunho de tenaz fidelidade à Palavra de Deus, meditada e acolhida através da “lectio divina”. Isto pressupõe a salvaguarda do silêncio e uma atitude de humilde adoração diante de Deus. A Palavra divina revela, de facto, as suas profundezas àquele que está atento mediante o silêncio e a mortificação, à acção misteriosa do Espírito. O monge beneditino inspira o seu diálogo com Deus nas Sagradas Escrituras, ajudado nesta pela austera beleza da liturgia romana, na qual a mesma Palavra proclamada com solenidade ou cantada com melodias que são fruto de compreensão espiritual das riquezas nela contidas, tem uma parte absolutamente eminente relativamente a outras liturgias, onde o elemento que mais toca são as esplêndidas composições poéticas que florescem do tronco do texto bíblico”(JOÃO PAULO II, *Mensagem ao Abade de Subiaco*, em 7 de Julho de 1999).

que, face aos textos do Antigo Testamento, que falam de guerras, de violência e de pecado, acabaria por rejeitá-los pois só poderiam ter por autor um Deus mau, ao contrário dos do Novo Testamento, nomeadamente os que não citam o Antigo, como é o caso das Cartas de Paulo e Evangelho de Lucas.

3. A Palavra à procura de um sentido: Idade Média

Assim, já na época patrística, a Palavra de Deus vai perdendo importância e aquela dimensão simbólica que a revestia, permitindo uma relação de significado mais directa e eficaz na vida das pessoas. Mas foi a Idade Média, em virtude dos caminhos trilhados pela reflexão teológica, e face ao progressivo condicionamento da leitura bíblica aos mais letrados, a transformar a Palavra de Deus numa espécie de "oráculo", relegada a uma dimensão "mítica" ou "esotérica", reservada a alguns eleitos que transmitiam os seus ensinamentos não a partir da Palavra, mas da sua própria capacidade de argumentação ou da eficácia da linguagem utilizada, onde a Palavra surgia numa posição secundária.

Por volta dos séculos XII-XIII, a leitura da Bíblia, para além da reduzida utilização litúrgica em língua latina incompreensível para os fiéis, encontra-se confinada aos refinados ambientes de estudo e arte criados nas Escolas dos Mosteiros;¹¹ a Palavra de Deus afasta-se da

¹¹ "Durante mais de mil anos da história europeia, os contextos típicos dos livros eram precisamente o de uma fé intensamente vivida, profundamente meditada e nutrida por textos tão antigos que pareciam eternos: textos que colocavam o leitor na fronteira entre a própria situação e as realidades universais, o contexto liminar que podemos pura e simplesmente definir como "oração". Os livros litúrgicos serviam a oração comunitária e as Bíblias para a "lectio divina", que, por sua vez, era nutrida e de algum modo plasmada pela liturgia e pela devoção [...] O estilo antigo de leitura tinha, além do mais, uma dimensão parabólica que, na hodierna época de estudos bíblicos "científicos", nos arriscamos a perder [...] O monaquismo é, em si mesmo, uma obra de arte: torna visível e tangível uma particular intensidade da vida cristã, porque o monge quer ser, como Cristo, ícone ou imagem da beleza de Deus; e o mosteiro é o lugar onde, com a ajuda dos irmãos, que partilham a mesma visão interior, a obra pode ser tranquilamente aperfeiçoada numa espécie

Pastoral, condimentada agora por “estórias” e exemplos edificantes, eventualmente retirados da “vida” dos Santos, depois habilmente pintada pelos autores da *Legenda aurea*; acentua-se o “subjectivismo” e a opinião pessoal do pregador baseada, muitas vezes, numa gritante ignorância das Escrituras. A falta de cultura, o desconhecimento do mundo bíblico e oriental, a ignorância sobre o contexto social e histórico (“*Sitz im Leben*”) que dera origem aos diferentes textos bíblicos, bem como um desconhecimento das línguas bíblicas originais, resultaram num apego cada vez maior à “letra” do texto,¹² nas versões disponíveis, provocando um considerável afastamento da autêntica Palavra de Deus até no contexto da liturgia e da pregação. Este apego à letra da Escritura provocou o ressurgimento de antigas heresias como o “marcionismo” e afirmou posições mais ou menos *fundamentalistas* como aconteceu com os valdenses, albigenses e cátaros.

Foi no confronto com estas novas heresias, fundamentadas numa incorrecta e truncada utilização da Sagrada Escritura, que as *Ordens Mendicantes* – Franciscanos e Dominicanos – promoveram o renascimento da utilização da Palavra de Deus em obediência à Igreja. Desenvolve-se então uma abordagem que podemos reconhecer nos *Sermões* de Santo António de Lisboa, marcados por uma particular leitura da Palavra de Deus de acordo com os quatro sentidos¹³ então propostos e que se tornariam clássicos, sintetizados

de laboratório da alma” (TIMOTHY VERDON, “*Alla ricerca del simbolo perduto. L'analfabetismo biblico contemporaneo*”).

¹² “Se nos detemos apenas na “letra”, a Bíblia reduz-se então a um solene documento do passado, um nobre testemunho ético e cultural. Mas se se exclui a encarnação, pode-se cair no equívoco fundamentalista ou no vago espiritualismo e psicologismo. O conhecimento exegético tem, portanto, que se entrelaçar indissolúvelmente com a tradição espiritual e teológica para que não se quebre a unidade divina e humana de Jesus Cristo e das Escrituras” (GIANFRANCO RAVASI, “*Mensagem final do Sínodo*”, n. 6).

¹³ Neste pequenino excerto de um *Sermão* de Santo António de Lisboa sobre o texto joanino das Bodas de Caná, vemos expresso o sentido *alegórico*, mas

na célebre sentença atribuída ao dominicano Agostinho Dácio: “*Littera gesta docet, quid credas allegoria, moralis quid agas, quo tendas anagogia*” [A letra ensina-te os factos, a alegoria o que deves crer, a moral o que deves fazer, a anagogia para onde deves tender], ou seja: o *sentido literal*, apresentava o que realmente aconteceu segundo o texto em si mesmo, o *sentido alegórico* apresentava a doutrina subjacente ao texto bíblico, o *sentido moral* a atitude a tomar face ao conteúdo do texto e o *sentido anagógico* o fim para o qual tende a nossa vida, ou seja a escatologia.¹⁴ Toda a gente conhecia esta sentença; todos concordavam também, com São Tomás de Aquino, que “*todos os sentidos da Sagrada Escritura se fundamentam no literal*”, mas foi o *sentido literal* o primeiro a ser esquecido, em favor do *alegórico* para os mais capazes ou do *moral* para a maioria dos pregadores e pastores e até do *anagógico* que transformava a Palavra de Deus em simples ameaça com o Inferno. O facto de os hereges aproveitarem a Bíblia para a difusão e fundamentação dos seus erros foi conduzindo a Igreja a uma progressiva desconfiança face à leitura e utilização da Sagrada Escritura, a uma dúvida sobre o real valor dos seus textos para a praxis cristã e depois à recusa e quase proibição total do contacto dos fiéis com a Palavra de Deus.

4. A Palavra à procura de um espaço: depois de Trento

A influência das heresias que apelavam à utilização Sagrada Escritura conduzindo ao progressivo abandono dela pelos fiéis acabou por

também o *moral*: “Havia ali seis talhas de pedra preparadas para a purificação dos judeus, contendo cada uma três medidas” (Jo 2, 6). Em Caná da Galileia, isto é, na alma que no zelo do amor passou dos vícios às virtudes, há seis talhas, quer dizer, a contrição, a confissão, a oração, o jejum, a esmola e o perdão das ofensas, oferecido com todo o coração. São estas que purificam os judeus, isto é, os penitentes, de todos os seus pecados”.

apanhar a Igreja desprevenida aquando da explosão da Reforma protestante, também marcada por uma forte componente bíblica. Ao afirmarem, em contraste com os receios da Igreja, o princípio da "sola scriptura" os Reformadores não só recusavam a intervenção da Igreja na interpretação bíblica como promoviam o contacto directo de todos os fiéis com o texto favorecendo as traduções vernáculas; para contrariar este movimento, a Igreja Católica acabou por aferrolhar-se na versão latina da Bíblia, influenciando nesse sentido toda orientação litúrgica e teológica emanada do Concílio de Trento. Com tal atitude reforçou ainda mais a suspeita e os receios anteriores.¹⁵ As consequências desta posição marcadamente apologética da Igreja Católica em relação ao protestantismo foram muito negativas quer para o incremento dos estudos bíblicos, ao reservar a interpretação bíblica ao Magistério de Igreja, quer para a utilização da Bíblia pelos fiéis que acabaram por abandoná-la totalmente mesmo que não fosse esta a intenção do Concílio. Ao princípio protestante da "sola scriptura" respondiam os católicos com a "nulla scriptura",¹⁶ confinado a sua interpretação à doutrina do Magistério com base na *Tradição* interpretativa dos Padres da Igreja, aliada a uma teologia assente no sistema de pensamento medieval tomista.

14 "Jesus é, em pessoa, os quatro sentidos da Escritura" (T.-D. HUMBRECHT, *o. cit.*, p. 36).

15 A dimensão assumidamente dogmática da doutrina conciliar de Trento acerca Bíblia, o conjunto dos seus livros, ou "cânon bíblico", e a sua utilização pelos católicos, afirmava-se nestes termos: "se alguém não receber estes livros como sagrados e canónicos, com todas as suas partes, como se costuma ler na Igreja Católica e estão contidos na antiga edição latina, a Vulgata, e desprezar conscientemente as tradições acima referidas, seja anátema".

16 É interessante vermos a dimensão marcadamente moralizante que informa até a literatura religiosa e mesmo o teatro popular como acontece com Gil Vicente; faz-se tudo na base da alegoria, da personificação de virtudes e valores e a Sagrada Escritura aparece citada aqui e além, em frases soltas e em latim, sinal de que se trataria de frases e expressões mais ou menos conhecidas mas entendidas quase sempre absolutamente isoladas do seu contexto bíblico.

Temos que acrescentar ainda a profunda ignorância, à época, não só do povo, mas também da grande maioria do clero, não só incapaz de fazer uma adequada interpretação da Sagrada Escritura, mas em muitos casos até, de fazer a sua leitura em latim. Expressão disso foi a elaboração por Dom Frei Bartolomeu dos Mártires de um *Catecismo* destinado aos padres tantos eram os erros que eles cometiam nas homilias.¹⁷ Ao pretender defender os católicos dos erros protestantes e procurando evitar que a Sagrada Escritura fosse vista como fonte de divisão na Igreja, provocou-se o “medo da Bíblia”, transformada progressivamente num “livro protestante” ou pelo menos num livro reservado ao clero; a prática da oratória transformava a Palavra de Deus em exercício de cultura literária, completamente inacessível ao grande público,¹⁸ deixando este abandonado à alternativa dos devocionários, das histórias e lendas de santos e à recitação de fórmulas na maior parte dos casos privadas de qualquer conteúdo bíblico visível.¹⁹ A reflexão teológica transformava-se agora em

¹⁷ Ironia da História: os Padres do Sínodo de 2008 propuseram a elaboração de um *“Directório homilético”*: Vá-se lá saber porquê!...

¹⁸ Vejam-se os *Sermões* do Padre António Vieira, pregados nos ambientes elevados dos paços e das catedrais: Sobre o nosso assunto e a importância da Palavra, vale a pena ler o *Sermão da Sexagésima* – sobre a Parábola da Semeador (Lc 8, 11) – proferido na Capela Real, no ano de 1655. Ele mesmo se faz aqui um crítico do estilo de sermões e da forma de utilizarem a Escritura. “Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm!”.

¹⁹ Esta ideia permaneceu ao longo dos tempos não só como característica de uma vivência “popular” da liturgia, colocando-se à margem da própria celebração, mas também como algo justificado teológica e liturgicamente. Não deixa de ser estranho que Romano Guardini, cuja sensibilidade litúrgica é inquestionável, mesmo que em 1930, tenha escrito isto: “Não se pode traduzir sem mais em acção aquilo que a liturgia apresenta. Assim, serão sempre necessárias formas de devoção, uma espécie de relação estreita com a actual realidade exterior da vida; devoções particulares em que a Igreja responde às necessidades particulares da existência de hoje, com as quais ela prende imediatamente a alma contemporânea e a conduz a conclusões práticas” (ROMANO GUARDINI, *Lo Spirito della Liturgia*, Ed. Morcelliana, Brescia, 1930; reedição de 2005, p. 99-100).

apologética, apostada na defesa da ortodoxia contra os erros dos hereges, utilizando-se da Bíblia como “arsenal de provas”²⁰ para fundamentar os seus argumentos. Não sendo esta a perspectiva do Concílio de Trento, foi este o resultado do mesmo relativamente à Palavra de Deus: a Igreja Católica refugiava-se, a partir de então, no rigor das definições dogmáticas e das directivas do Concílio, apenas interrompidas por esporádicas intervenções do Magistério relativamente à Palavra de Deus. Note-se: nos trezentos anos que vão de 1564, data da *profissão de fé* tridentina²¹, a 1864, data do *Syllabus* destinado a condenar os chamados “erros modernistas” resultantes da moderna “crítica textual”, apenas há um documento: um *Breve* de Pio VI.²² Perante a reconhecida urgência em facultar a tradução dos textos bíblicos para as línguas vulgares, já em pleno séc. XIX, logo emergiu e se acentuou o mesmo receio: em 1815, o Papa Pio VII afirmava que tais traduções poderiam “trazer mais mal que bem ao povo católico”,²³ colocando ainda sérias reticências à

20 “Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; *há-de prová-la com a Escritura*; há-de declará-la com a razão...” (P. António Vieira, *ibidem.*).

21 “Admito a Sagrada Escritura segundo o sentido que lhe deu a Santa Madre Igreja a quem pertence julgar do verdadeiro sentido e interpretação das Sagradas Escrituras e nunca a receberei e interpretarei a não ser segundo o consenso unânime dos Santos Padres” (PIO IV, *Bula “Injunctum nobis”* de 13 de Novembro de 1564).

22 Refere-se este *Breve* à interpretação de Is 7, 14 à luz de Mt 1, 22, ou seja, o versículo “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um Filho que se chamará Emanuel”.

23 “Devereis ter diante dos olhos que se se permite a Sagrada Escritura indiscriminadamente em qualquer lugar, em língua vernácula, daí surge mais dano que utilidade. Além disso, a Igreja Romana, com base nas conhecidíssimas prescrições do Concílio de Trento, acolhendo apenas a tradução da Vulgata, afastou as traduções nas outras línguas e permitiu somente as que fossem publicadas com anotações colhidas oportunamente dos escritos dos Padres e Doutores católicos, para que um tesouro tão grande não seja exposto às corrupções das novidades e para que a Igreja, difundida sobre toda a terra, tenha uma só língua e as mesmas palavras...” (PIO VII, *Carta ao Arcebispo de Mogilev*, em 3 de Setembro de 1815, DS, 2710).

aceitação das Sociedades Bíblicas: Logo foi seguido pelo Papa Gregório XVI que afirmava: “nada é mais fácil acontecer do que serem introduzidos erros nas versões multiplicadas pelas sociedades bíblicas, por fraude ou por ignorância dos vários intérpretes, e tais erros então são longamente ocultados pela multiplicidade daquelas traduções para dano de muitos” e, citando o seu antecessor Pio IV, alertava para que “não se deve permitir a leitura da Bíblia em língua vernácula a não ser àqueles que se julgue poderem aproveitá-la para aumento da fé e da piedade”.²⁴ Todos estes receios se iam acumulando no seio da Igreja Católica, em alternativa ao movimento da *crítica histórica* nascido no seio do protestantismo. E assim se chegava ao Concílio Vaticano I.

5. A Igreja ao encontro da Palavra: ressurgimento bíblico

O Concílio Vaticano I não teve grande relevo no que toca à Palavra de Deus e pouco mais fez que reafirmar as verdades consagradas em Trento: por isso não admira que tenhamos chegado a meados do século XX na mesma situação de Trento. No entanto, o período que medeia entre o Concílio Vaticano I e o Vaticano II é sem dúvida o mais fecundo no que respeita ao progresso dos estudos bíblicos, tanto protestantes como católicos, bem como a intervenções do Magistério da Igreja sobre o assunto, representando uma clara reviravolta no seu pensamento. Mantendo alguma desconfiança e o cariz apologético das suas posições, o Magistério passa a encarar a Bíblia numa perspectiva mais positiva. O papa Leão XIII iniciou uma verdadeira revolução na utilização da Sagrada Escritura na vida da Igreja quando, a 18 de Novembro de 1893, através da *Encíclica "Providentíssimus Deus"*, lançava um alerta a todos os cristãos para

²⁴ GREGÓRIO XVI, *Encíclica "Inter praecipuas machinationes"*, de 8 de Maio de 1844 [DS 2771].

a importância da Palavra de Deus, para a excelência e valor da Sagrada Escritura, para as vantagens de a ler e estudar, ao mesmo tempo que apontava para a necessidade de “estudar as línguas e culturas antigas orientais”, a fim de melhor se compreender a Bíblia, aconselhando ainda um aprofundamento da ciência crítica. Afastava-se definitivamente o “medo da Escritura”!... Logo a seguir, em 17 de Setembro de 1896, em *Carta* ao P. Lagrange, Director da École Biblique de Jerusalém,²⁵ animava-o a prosseguir os estudos bíblicos e a pesquisa arqueológica dos Lugares Santos.

Após algumas intervenções do Magistério nomeadamente no contexto da crise “modernista”,²⁶ surgem em pleno séc. XX, dois grandes documentos: a *Encíclica "Spiritus Paraclitus"* de Bento XV, (15 de Setembro de 1920) e a *Encíclica "Divino Afflante Spiritu"* de Pio XII (30 de Outubro de 1943); estes poderão considerar-se como antecedentes próximos e preparatórios da doutrina do Concílio Vaticano II sobre a Bíblia. A *Encíclica "Spiritus Paraclitus"*, de Bento XV, publicada para celebrar o XV centenário da morte do grande biblista S. Jerónimo, e seguindo o espírito positivo da *Encíclica "Providentissimus Deus"*, trata a relação da Bíblia com os estudos históricos, aborda os temas da “inspiração” e “inerrância” bíblicas, e anuncia outro que haveria de ser apresentado sem receios pelo documento seguinte: os géneros literários da Sagrada Escritura, invocando a necessidade de “fazer da Bíblia um livro de leitura diária...” Vinte anos mais tarde, na *Encíclica "Divino Afflante Spiritu"*,

²⁵ A importância desta escola mede-se pela erudição de seus professores, de nomes como Roland De Vaux e pelos resultados, entre muitos outros, a edição da célebre *Bíblia de Jerusalém*. Note-se que o mesmo P. Lagrange veria ainda condenados alguns dos seus escritos num *Decreto* da Sagrada Congregação Consistorial, de 29 de Junho de 1912. Cfr. EB, n. 400^a.

²⁶ PIO X, *Decr. "Lamentabili"* com 65 proposições condenadas, quatro das quais referentes à Sagrada Escritura, nomeadamente do P. Loisy; a *Encíclica "Pascendi"* apresenta as motivações da condenação do “modernismo” (Ver *Cad. Bíblico* n. 23, p. 25).

Pio XII abandonava a linguagem apologética dos documentos e intervenções anteriores do Magistério para encarar a Bíblia e sua interpretação numa perspectiva aberta. As duas novidades da doutrina deste Pontífice serão: aconselhar o estudo dos géneros literários na Sagrada Escritura e dar liberdade aos exegetas católicos para serem os investigadores do verdadeiro sentido da Palavra de Deus.²⁷

Convenhamos: a experiência ainda vivida por muitos de nós é uma clara demonstração de que esta orientação do Pontífice se limitou a alguns círculos reservados, eventualmente condicionados pelo receio de abordar a Palavra de Deus; fomos formados, já nos anos setenta, por uma mentalidade afastada do contacto com a Palavra de Deus:²⁸ conhecemos e vivemos a influência de livros de meditação edificantes como a *Pérola das Virtudes* e outros do género e, na melhor das hipóteses, livros de pensamentos piedosos como a *Imitação de Cristo* ou o *Caminho*. Isto para não falarmos da influência de devocionários com as suas historietas e "exemplos" que marca(ra)m a formação dos cristãos em novenas e pregações, as vidas dos santos apresentadas como verdade histórica de referência, com base na fantasia da *Legenda Áurea*, lida sem qualquer espírito crítico. Ainda hoje nos deparamos com alguma dificuldade em ultrapassar as mentalidades forjadas por esse género de literatura

²⁷ A este documento, fundamental para a evolução dos estudos bíblicos, seguiram-se algumas intervenções do Magistério sobre questões particulares, intervenções que fizeram escola como a "Resposta da Pontifícia Comissão Bíblica ao Card. Suhard sobre os onze primeiros capítulos de Génesis", hoje chamados de "Pré-História bíblica", de 16 de Janeiro de 1948, e algumas afirmações da *Enc. "Humani Géneris"* de Pio XII, em 12 de Agosto de 1950, que, sobre os problemas entre os relatos da criação e as ciências biológicas, vão no sentido de se deixar às ciências as questões científicas, evitando uma interpretação simplesmente "espiritual" da Escritura em detrimento da crítica textual.

²⁸ Não deixa de ser interessante lembrar aqui a célebre frase de Paul Claudel: "O respeito pela Sagrada Escritura não tem limites; manifesta-se sobretudo ficando longe dela" (PAUL CLAUDEL, "Écriture Sainte" in *La Vie Intellectuelle*, 16 (1948), p. 10).

claramente afastada do dinamismo e autenticidade da Palavra de Deus. Isto para não falarmos nas mais recentes leituras do Evangelho "segundo determinados personagens fundadores de movimentos" e não "segundo" Mateus, Marcos, Lucas e João...

As vicissitudes por que passou a elaboração da *Constituição "Dei Verbum"* são expressão e resultado das complicações do processo histórico que acabámos de apresentar em linhas gerais, e que se prolongariam muito para além do próprio Concílio²⁹: de uma visão polémica sobre a Sagrada Escritura proposta em Trento, passara-se a uma visão apologética no Vaticano I, procurando-se uma visão mais ecuménica e pastoral do Vaticano II. Abandonar a visão dogmática e centralista sobre as Fontes da Revelação, com a equivalência entre Escritura, Tradição³⁰ e Magistério para assumir a escuta reverente e a contemplação da Palavra de Deus a fim de se poder apresentar aos outros; ultrapassar a afirmação do Magistério da Igreja como árbitro e norma absoluta da interpretação da Sagrada Escritura para assumir que toda a Igreja se reconhece como "ouvinte da palavra" é grande revolução já anunciada no Pórtico deste documento conciliar: "Este Sagrado Concílio, ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro a Palavra de Deus..." (*"Dei Verbum"*, n. 1).

6. O reencontro com a Palavra: a doutrina conciliar

²⁹ Sabemos das dificuldades surgidas no Seminário Conciliar de Braga com a disciplina de Sagrada Escritura quando começou a ser leccionada segundo o espírito da *Constituição "Dei Verbum"* já por volta dos anos 70. Já depois de 1980, eu próprio fui denunciado ao Bispo de Viana do Castelo devido à forma como falava da Sagrada Escritura nos primeiros cursos bíblicos que aqui realizei para a formação de catequistas.

³⁰ Habitualmente afirma-se esta paridade entre Escritura e Tradição relativamente a Trento, mas foi provado que o pensamento do Concílio tridentino não era este, deixando a questão para depois; foram os comentadores e teólogos pós-tridentinos que acabaram por desenvolver e impor esta doutrina.

O movimento de redescoberta da Palavra de Deus iria encontrar um eco especial logo no início dos debates conciliares, a propósito da reforma litúrgica, e no primeiro grande documento: a *Constituição "Sacrosanctum Concilium"*, sobre a renovação litúrgica, dava já uma relevância particular à Palavra de Deus e sua utilização na Liturgia, afirmando nomeadamente no n. 24: "É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia; porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais".³¹

No entanto, o grande debate sobre a Palavra de Deus haveria de ser feito a propósito da *Constituição "Dei Verbum"*, sobre a Divina Revelação, cujo programa e novidade de linguagem são evidentes: "Este Sagrado Concílio, *ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro* a Palavra de Deus,³² faz suas as palavras de S. João: 'Nós vimo-la, damos testemunho dela, e vos anunciamos esta vida eterna que estava no Pai e nos foi manifestada...' (1Jo 1, 2-3). A Igreja passa de "senhora" e de "guarda" da palavra de Deus para

³¹ A este número se acrescentariam mais algumas referências nos nn. 25 e 49-52, nomeadamente quanto á revisão dos textos litúrgicos e dos leccionários. De referir também que a importância da Palavra de Deus é assinalada noutros documentos conciliares, nomeadamente o *Decreto "Optatum Totius"*, n. 4, 13 e 16, e o *Decreto "Presbyterorum Ordinis"*, n. 4, 18.

³² Esta expressão constitui a chave de leitura de todo o documento. Só ouvindo religiosamente a Palavra de Deus, a Igreja a pode proclamar desassombadamente" (WALTER KASPER, "Dei Verbum audiens et proclamans",

“ouvinte”, “serva” e “discípula”. A citação joanina aponta ainda para o facto de que a Palavra não é o único meio de revelação mas também os acontecimentos são revelação de Deus: “vimos, contemplámos e tocámos...”³³

II – DO REENCONTRO COM A PALAVRA AO NOVO ANÚNCIO

Com a *Constituição “Dei Verbum”* recupera-se a dimensão evangelizadora da Igreja e a importância da Palavra de Deus nesse processo; não sendo aqui o lugar nem o momento adequado para abordar este documento conciliar,³⁴ acenarei apenas ao Capítulo VI, intitulado “*A Bíblia na vida da Igreja*”. Este título haveria de dar o mote para as posteriores intervenções do Magistério: preconiza-se agora uma leitura assídua da Bíblia, o seu estudo e aprofundamento,³⁵ a promoção das ciências bíblicas (n. 23), a utilização mais cuidada da Bíblia na liturgia eucarística, nos restantes sacramentos, na Liturgia das Horas³⁶ (n. 21) e sobretudo como fonte de pregação.³⁷ Para tal –

intervenção no Congresso “A Sagrada Escritura na vida da Igreja”, pelos 40 anos da *Constituição “Dei Verbum”* (Roma, 14 a 18 de Setembro de 2005).

³³ Este aspecto da dimensão histórica da revelação foi vincado particularmente pelos teólogos protestantes Kriesten e Oscar Culmann, tendo criado um grande impacto sobretudo em Paulo VI.

³⁴ Tive oportunidade de o fazer em diferentes âmbitos e lugares, nomeadamente aquando das celebrações do 40.º Aniversário da “Dei Verbum”. Daí saiu o artigo “Escutar para anunciar a Palavra de Deus” in *Memoria* 12 (2005), p. 11-39.

³⁵ Sobre o estudo da Palavra de Deus ver *Decreto “Optatam Totius”*, n. 4.

³⁶ A este respeito ver a *Const. “Sacrosanctum Concilium”* n. 9 e 10; sobre a Bíblia na Liturgia das Horas ver Paulo VI, *Const. Apostólica sobre a reforma do Ofício divino* (1971) e ainda *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Documento da Pontifícia Comissão Bíblica, de 1993, p. 146-155.

³⁷ Esta doutrina conciliar levou mesmo a que em certos meios se falasse e fale ainda de uma certa “protestantização” da Igreja Católica, tão arraigada se

diz-se – é preciso dotar os fiéis de traduções a partir dos textos originais, com as necessárias anotações (n. 25), sendo estes a melhor base para um eficaz estudo da Sagrada Escritura. Esta deve ser a “alma” e não a “serva” da Teologia (n. 24) da mesma forma que deve ser o fundamento da pregação, da pastoral, da catequese e de toda a espécie de instrução cristã onde tem um particular destaque a homilia (n. 25): é preciso que “sacerdotes,³⁸ diáconos e catequistas, que legitimamente se dedicam ao ministério da Palavra, adiram à Escritura pela assídua leitura sagrada e o seu estudo diligente, a fim de que nenhum deles se torne pregador vã da palavra de Deus por fora e que não a escuta no seu interior”.³⁹

As implicações deste conjunto de indicações foram-se explicitando em documentos posteriores ao Concílio: Paulo VI publicava em 1970 a Exortação Apostólica *“Quinque jam anni quinto expleto”*, onde ressaltava o valor da Palavra de Deus para a vida da Igreja, afirmando: “as recentes condições em que se encontra a nossa fé exigem da parte de todos nós *um esforço maior para que a Palavra, na sua plenitude, atinja os nossos contemporâneos, e as obras realizadas por Deus lhes sejam manifestadas sem qualquer adulteração*, com toda a intensidade pelo amor da Verdade que os salva”. Como se pode ver, estas palavras anunciam já a “carta magna sobre a re-evangelização”, surgida a 8 de Dezembro de 1975: a Exortação Apostólica *“Evangelii Nuntiandi”*.

encontrava a ideia de que a Bíblia era para os protestantes, ficando-se os católicos com os Sacramentos, as devoções e certo tipo de pregações moralizantes. A actual popularidade da Bíblia entre os católicos demonstra que isto já foi ultrapassado.

³⁸ Sobre a Bíblia na missão do Sacerdote ver ainda *Decreto “Presbyterorum ordinis*, n. 4 e 18, o *Directório sobre a Vida e Missão dos Presbíteros*, n. 46 e a *Exortação Pastoral “Pastores dabo vobis”*, n. 54).

³⁹ *Constituição “Dei Verbum”*, n. 25.

1. A provocação da *Evangelii Nuntiandi*

È evidente que a urgência de “evangelização” anunciada por Paulo VI, ao iniciar o processo em que nos inserimos neste momento, não deriva unicamente da onda de secularismo que invadia a sociedade de então e a actual. Tudo o que anteriormente apresentámos consegue demonstrar que, no interior da própria Igreja, se viveu o processo de afastamento progressivo da Palavra de Deus, dando origem ou pelo menos alguma justificação aos fenómenos de descristianização e secularismo agora objecto de preocupação e solicitude pastoral dos Pontífices. Na *Exortação Apostólica “Evangelii nuntiandi”* Paulo VI começava por confessar que os Padres reunidos na III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, realizada entre 27 de Setembro e 26 de Outubro de 1974, sob o tema “A Evangelização no mundo contemporâneo” lhe haviam dito que “esperavam do Papa um impulso novo, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização”.⁴⁰ Não aparece neste documento a expressão “nova evangelização”, mas foi daí que nasceu o impulso para este movimento, incrementado depois nas intervenções do mesmo Pontífice e nas dos seus sucessores, João Paulo II e Bento XVI. De acordo com o tema que nos foi proposto, limitamo-nos, por isso a uma sucinta abordagem da *importância da Palavra de Deus* no processo em ordem a uma nova evangelização:

1.1. A Palavra na evangelização segundo a E.N.

Paulo VI confrontava-se com a realidade da primeira evangelização para se perguntar: “O que é que é feito, em nossos dias, daquela

⁴⁰ PAULO VI, *Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, n. 2.

energia escondida da Boa Nova, susceptível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?”.⁴¹ Apresenta então o exemplo de Jesus Cristo como o primeiro evangelizador, anunciando o Reino de Deus como salvação libertadora a partir de uma atitude de conversão. E continua: “Cristo realiza esta proclamação do reino de Deus por meio da pregação infatigável *de uma palavra* da qual se diria que não tem nenhuma outra igual em parte alguma: “Eis uma doutrina nova, ensinada com autoridade!” (Mc 1, 27); “Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das *palavras* cheias de graça que saíam de sua boca” (Lc 4, 22); “Jamais alguém *falou* como este homem”.(Jo 7, 46). Neste sentido, vai apresentando *as bases da evangelização a partir da própria experiência de Jesus*, recuperando o dinamismo da Palavra que referimos ao início. Quer dizer, a evangelização do mundo contemporâneo deve recuperar a dinâmica evangelizadora de Jesus e dos seus discípulos. Sendo verdade que a evangelização implica diversos âmbitos da vida da Igreja e das pessoas – sectores de actividade que serão objecto de outras intervenções – não pode haver dúvidas, continua Paulo VI, de que “a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada *pela palavra* da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”.⁴²

Este novo anúncio da Palavra de Deus na evangelização do mundo contemporâneo deve ter em conta a diversidade de situações e os

⁴¹ *Evangelii Nuntiandi*, n. 4.

⁴² *Evangelii Nuntiandi*, n. 22.

novos desafios que o mesmo mundo lança à Igreja, sem descurar os novos meios de comunicação e a força da imagem como irrecusáveis recursos, mas não pode ignorar que “a pregação, a proclamação verbal da mensagem, permanece sempre como algo indispensável. Nós sabemos bem que o homem moderno, saturado de discursos, se mostra muitas vezes cansado de ouvir e, pior ainda, como que imunizado contra a palavra. Conhecemos também as opiniões de numerosos psicólogos e sociólogos, que afirmam ter o homem moderno ultrapassado já a civilização da palavra, que se tornou praticamente ineficaz e inútil, e estar a viver, hoje em dia, a civilização da imagem [...] O cansaço que hoje provocam tantos discursos vazios, e a actualidade de muitas outras formas de comunicação não devem, no entanto, diminuir a permanente validade da palavra, nem levar a perder a confiança nela, A palavra continua a ser sempre actual, sobretudo quando for portadora da força divina. É por este motivo que permanece também com actualidade o axioma de São Paulo: ‘A fé vem da pregação’, (Rom 10, 17) é a Palavra ouvida que leva a acreditar”.⁴³

1.2. Proposta de uma “reevangelização” na E.N.

Na sequência da reflexão sobre os diversos espaços de evangelização do mundo contemporâneo, Paulo VI aborda, no n. 52, aquilo que poderíamos então chamar de *Nova Evangelização*, embora ele não empregue tal termo: “a Igreja não se sente dispensada de prestar uma atenção diligente, de igual modo, àqueles que receberam a fé e que, muitas vezes, passadas algumas gerações, voltam a ter contacto com o Evangelho. Ela procura, desta maneira, aprofundar, consolidar, alimentar e tornar cada dia mais amadurecida a fé daqueles que se dizem já fiéis ou crentes, a fim de que o sejam cada

⁴³ *Evangelii Nuntiandi*, n. 42.

vez mais. Esta fé, hoje confrontada com o secularismo, ou antes, podemos mesmo dizer, com o ateísmo militante, é quase sempre uma fé exposta a provações, ameaçada e, mais ainda, uma fé assediada e combatida". Sem esquecer a importância dada pelo Pontífice ao *secularismo* e *ateísmo* que "ameaçam, assediam e combatem a fé", parece-nos que, entre nós, a necessidade de uma reevangelização decorre do deficiente ou quase nulo contacto dos próprios cristãos com a genuína mensagem do Evangelho e com o dinamismo próprio da Palavra de Deus.⁴⁴

A eficácia do anúncio através da Palavra deverá ter em conta que "aqui, linguagem deve ser entendida menos sob o aspecto semântico ou literário do que sob aquele aspecto que se pode chamar antropológico e cultural. O problema é sem dúvida delicado. A evangelização perderia algo da sua força e eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos".⁴⁵

2. A Palavra na "Nova Evangelização"

Poderíamos dizer que a "nova evangelização" constitui um verdadeiro "leitmotiv" do pontificado de João Paulo II. Directa ou indirectamente abordada, ela perpassa diversos documentos e intervenções

⁴⁴ No n. 55, apresenta os contornos do *secularismo* numa linguagem que haveria de ser insistentemente afirmada por João Paulo II, a saber: "Aqui, temos em vista um verdadeiro secularismo: uma concepção do mundo, segundo a qual esse mundo se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus; de tal sorte que Deus se tornou supérfluo e embaraçante. Um secularismo deste género, para reconhecer o poder do homem, acaba por privar-se de Deus e mesmo por renegá-lo".

⁴⁵ *Evangelii Nuntiandi*, n. 63.

do Pontífice.⁴⁶ À Catequese haveria de dedicar a *Exortação Apostólica "Catechesi tradendae"*, publicada a 16 de Outubro de 1979,⁴⁷ seguindo de perto as pegadas da *Exortação Apostólica "Evangelii nuntiandi"*, onde apresenta a catequese como espaço do anúncio da mensagem evangélica ao nível da experiência da Igreja desde os primeiros tempos; sobre a homilia como momento do anúncio da palavra afirma: "A pregação, centrada nos textos bíblicos, deverá então, à sua maneira, dar azo a que os fiéis se familiarizem com o conjunto dos mistérios da fé e das normas da vida cristã".

2.1. Segundo a Exortação Apostólica "Christifideles Laici"

⁴⁶ "Exorto-vos a cuidar especialmente que a vossa pregação se inspire na Palavra de Deus, tal como é proposta pelo Magistério da Igreja. É palavra revelada por Deus, inspirada pelo Espírito Santo, pregada pela Igreja, celebrada na Liturgia, vida pelos santos e tornada por vós mesmos matéria de contemplação para iluminar os acontecimentos da história quotidiana" (JOÃO PAULO II, *Alocução aos Sacerdotes e seminaristas*, em Bogotá, a 1 de Julho de 1986). Outras alusões à importância e ao respeito para com a Sagrada Escritura encontram-se na *Carta Apostólica "Patres Ecclesiae"* de 2 de Janeiro de 1980: "De substância divina, ainda que feita de palavras humanas, a Escritura é por isso de infinita autoridade: fonte da fé, segundo a palavra de Paulo é o fundamento duma certeza plena, indúbia, não vacilante. Sendo toda de Deus, é toda, mesmo em cada sua mínima parte, infinitamente importante e digna de extrema atenção. E por isto também, a Escritura é com razão chamada santa: porque, como seria terrível sacrilégio profanar a Eucaristia, seria também sacrilégio atentar contra a integridade e a pureza da palavra de Deus. Não podemos por conseguinte entendê-la segundo categorias humanas, mas sim à luz dos seus mesmos ensinamentos, quase "pedindo ao próprio Senhor a interpretação das coisas por Ele ditas"; e não se pode "tirar nem acrescentar nada" àqueles textos divinos entregues à Igreja para todos os tempos, àquelas palavras santas pronunciadas por Deus de uma vez para sempre. É de necessidade vital, na verdade, que a relação com a palavra de Deus seja sempre adoradora, fiel e amorosa. Essencialmente é nela que a Igreja se deve inspirar no seu ensino, deixando-se guiar pelas próprias palavras do seu Senhor, a fim de não se arriscar a "reduzir a palavras humanas as palavras da religião". E à Escritura deve referir-se "sempre e em toda a parte" cada cristão em todas as decisões, tornando-se diante dela "como criança", procurando nela o mais eficaz remédio contra todas as suas diversas enfermidades, e não se atrevendo a dar um passo sem ser iluminado pelos raios divinos daquelas palavras".

⁴⁷ Esta *Exortação Apostólica* de João Paulo II, resulta da IV Assembleia Geral do Sínodo realizada ainda no pontificado de Paulo VI, de 30 de Setembro a 29 de Outubro de 1977, sob o tema "A Catequese no nosso tempo".

Em resultado da VII Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos sob o tema "Vocação e missão dos leigos na Igreja", realizada de 1 a 30 de Outubro de 1987, será publicada a *Exortação Apostólica "Christifideles laici"*, a 30 de Dezembro de 1988; aqui, o Papa assumirá a expressão "nova evangelização", já desde o n. 4, mas é no n. 34, intitulado "*Chegou a hora dos nos lançarmos numa nova evangelização*",⁴⁸ que aborda expressamente o tema. A referência específica à Palavra de Deus na evangelização aparece, porém, no contexto do papel da mulher na nova evangelização e nos seguintes termos: "No âmbito mais específico da evangelização e da catequese, deverá promover-se com maior força a função particular que a mulher tem na transmissão da fé, não só na família, mas também nos mais variados lugares educativos e, em termos mais vastos, *em tudo o que concerne o acolhimento da Palavra de Deus, a sua compreensão e a sua comunicação, também através do estudo, da investigação e da docência da teologia*".⁴⁹ Também a paróquia é referida como *espaço* onde se deve favorecer a escuta da Palavra.⁵⁰

2.2 Segundo a Declaração Final da FEBICAM

No ano de 1990, celebrando o 25.º aniversário da *Constituição "Dei Verbum"*, reunia a Federação Bíblica Católica Mundial, sob o tema "A Bíblia e a Nova Evangelização" respondendo ao apelo de João Paulo II. Na *Declaração Final*, esta Associação apontava já uma longa série de aspectos de que poderíamos destacar: "a atitude de dialogar, de escutar e de acolher, é o primeiro passo para a evangelização. Significa isto viver, como Jesus, trinta anos, de modo humilde e

⁴⁸ A mesma expressão "nova evangelização" aparecerá nos nn. 30, 35, 49 e 64.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica "Christifideles laici"*, n. 51.

⁵⁰ *Idem*, n. 61.

despretensioso, em Nazaré, e aprender o que há-de anunciar em três anos de vida pública” (n. 5.10). Sabemos que “Jesus utiliza a Escritura a partir do problema concreto dos discípulos e descobre na situação novos critérios para ouvir os textos. Com a ajuda das Escrituras, Ele ilumina cada situação e abre um horizonte de esperança. Ao mesmo tempo ajuda-os a entender os próprios erros e apela à conversão” (n. 5. 14). A nova evangelização torna-se “Boa Nova” na medida em que “a inculturação da mensagem do Evangelho se torna uma condição necessária para o significativo ministério da Palavra” (n. 6.1). “Mais do que distribuir Bíblias, algo que é importante, é necessário tornar viva a palavra de Deus nos corações de todos os nossos irmãos no mundo”; mais do que estruturas e organizações, importantes sem dúvida, será de favorecer a imaginação, a criatividade e sobretudo uma fé contagiante no poder libertador da Palavra de Deus”; “são os leigos, mais que os clérigos, que se encontram em situação privilegiada para atingirem todas as pessoas deste mundo”; a nova evangelização “deve passar de uma leitura privada para uma presença transformadora do mundo; deve contribuir não para a realização da Igreja enquanto tal, mas para que esta Igreja cumpra a sua missão de realizar o Reino de Deus a partir da sua acção humilde no mundo” (n. 7.5).

2.3. Segundo a Exortação Apostólica "Pastores dabo vobis"

Por sua vez, a *Exortação Apostólica "Pastores dabo vobis"* assume a “nova evangelização” como tarefa primordial para os sacerdotes;⁵¹ este conceito perpassa o texto em toda a sua extensão, como o grande objectivo da formação e acção dos presbíteros nos dias de

⁵¹ Resultou da VIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, de 30 de Setembro a 28 de Outubro de 1990, sob o tema “A formação dos Sacerdotes nas circunstâncias actuais”.

hoje. Sobre a importância da Palavra de Deus, afirma no seu n. 47: "O *conhecimento amoroso e a familiaridade orante* com a Palavra de Deus revestem um significado específico no ministério profético do sacerdote, para cujo adequado desenvolvimento se tornam uma condição imprescindível, sobretudo no contexto da "nova evangelização", à qual a Igreja é hoje chamada".

2.4. Segundo a Exortação Apostólica "Ecclesia in Europa"

A preocupação de João Paulo II com a nova evangelização nota-se particularmente quando aborda a questão no âmbito da Europa; é neste contexto de "evangelização" do velho continente, marcado pela civilização cristã tradicional, que evoca São Bento como Padroeiro, mas esquece ou ignora as suas raízes cristãs, que melhor se compreende o sentido dramático da urgência de uma nova evangelização. Olhando para o velho, ou envelhecido continente, João Paulo II afirma: "é fácil constatar fraquezas, cansaços, contradições com que se debatem *as nossas comunidades eclesiais*. Também elas têm necessidade de *ouvir de novo a voz do Esposo*, que as convida à conversão, as desafia a ousarem coisas novas e as chama a comprometerem-se na grande obra da nova evangelização. A Igreja deve *submeter-se constantemente ao julgamento da palavra de Cristo* e viver a sua dimensão humana num estado de purificação para tornar-se cada vez mais e melhor a Esposa sem mancha nem rugas, adornada com uma veste de linho puro e resplandecente" (cf. *Ef 5, 27; Ap 19, 7-8*).⁵² Dado que assistimos à novidade de um número crescente de pessoas não baptizadas que esperam por um primeiro anúncio neste continente (n. 46), "há por toda a parte a *necessidade de um renovado anúncio, mesmo para quem já está*

⁵² JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica "Ecclesia in Europa"*, n. 23.

baptizado". Muitos europeus contemporâneos pensam que sabem o que é o cristianismo, mas realmente não o conhecem. Frequentemente ignoram os próprios rudimentos da fé. Muitos batizados vivem como se Cristo não existisse: repetem-se gestos e sinais da fé, sobretudo por ocasião das práticas de culto, mas sem a correlativa e efectiva aceitação do conteúdo da fé e adesão à pessoa de Jesus. Em muita gente, as grandes certezas da fé foram substituídas por um sentimento religioso vago e pouco empenhativo; difundem-se várias formas de agnosticismo e de ateísmo prático que concorrem para agravar a divergência entre a fé e a vida; muitos há que se deixaram contagiar pelo espírito de um humanismo imanentista que enfraqueceu a sua fé, levando-os com frequência, infelizmente, a abandoná-la completamente; assiste-se a uma espécie de interpretação secularista da fé cristã, que a corrói, suscitando uma profunda crise da consciência e da prática moral cristã. Os grandes valores, que inspiraram amplamente a cultura europeia, foram separados do Evangelho, perdendo assim a sua alma mais profunda e dando lugar a vários desvios".⁵³

2.5. Segundo a Exortação Apostólica "Sacramentum caritatis"

Como seria de esperar, o pontificado de Bento XVI é marcado por uma estreita relação com a Palavra de Deus, particularmente no que respeita à sua utilização na liturgia. Mais do que uma doutrina é a própria acção litúrgica de Bento XVI que nos oferece os melhores exemplos de uma utilização da Palavra de Deus adequada aos dias de hoje. Bastará escutar (ler) uma qualquer das suas homilias. No que respeita aos documentos já emanados do seu pontificado, a *Exortação Apostólica "Sacramentum caritatis"* reserva-nos alguns

⁵³ *Idem*, n. 47.

elementos sobre a Palavra de Deus na Liturgia, nomeadamente na homilia. Não se encontra presente neste documento a expressão “nova evangelização” mesmo que possamos sentir esse objectivo ali presente com particulares referências à Palavra de Deus, a importância da preparação de Leitores (n. 45), a homilia (n. 46).

3. A Proposta da *Exortação Apostólica “Verbum Domini”*

O mais recente documento emanado do pontificado de Bento XVI é dedicado à Palavra de Deus. A *Exortação Apostólica “Verbum Domini”*, fruto da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizado de 5 a 26 de Outubro de 2008, sob o tema “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. No n. 96, assume a temática específica do anúncio da Palavra de Deus na perspectiva da “nova evangelização”.⁵⁴

3. 1 – Anúncio persuasivo aos baptizados:

Depois de evocar o testemunho de Paulo VI a partir da *Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, afirma o Papa: “Na alvorada do terceiro milénio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa Nova, mas há também muitos cristãos que *têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho*. Aqui se encontra desde já uma visão da “nova evangelização” na perspectiva que venho apontando desde o início desta exposição: trata-se de fazer com que os baptizados e mesmo os praticantes “experimentem a força do Evangelho”, possam também sentir a “beleza e o fascínio” do

⁵⁴ Mas o tema aparece ainda nos nn. 96, 105 e 122.

ambiente em que se estuda e saboreia a Escritura (n. 2) e sejam arrebatados pelo dinamismo da Palavra de Deus, revivendo a experiência do povo de bíblico.

3.2 – A re-evangelização dos indiferentes

Até porque, continua o Papa, “há muitos irmãos que são batizados mas não suficientemente evangelizados. É frequente ver nações, outrora ricas de fé e de vocações, que vão perdendo a própria identidade, sob a influência de uma cultura secularizada”. Neste ponto sobressai o tema do secularismo e indiferentismo religioso, já aflorado por Paulo VI e reiteradamente denunciado por João Paulo II, particularmente na *Exortação Apostólica “Ecclesia in Europa”*, n. 6, 26 e 38, tema que serviu de mote ao início do pontificado de Bento XVI, já antecipado na Homilia do Conclave.⁵⁵ Aí era retomada a provocação há tempos lançado pelo teólogo Dietrich Bonhoeffer para que se tentasse “viver como se Deus não existisse”, mas agora colocado em sentido contrário aos homens de hoje: “experimentem viver como se Deus existisse”.

3.3 – Redescobrir o fascínio da Palavra

E continua o Papa: “A exigência de uma nova evangelização, tão sentida pelo meu venerado Predecessor, deve reafirmar-se *sem medo, na certeza da eficácia da Palavra divina*. A Igreja, segura da fidelidade do seu Senhor, não se cansa de anunciar a boa nova do

⁵⁵ Poderíamos sem qualquer dúvida afirmar que Bento XVI inicia o seu pontificado sob a marca da sensibilidade perante a nova realidade europeia presente nesta *Exortação Apostólica* de João Paulo II, ainda mais acrescentada pelas reflexões do então Cardeal Ratzinger sobre a acção de São Bento, de que logo depois tomaria o nome, em Montecassino, e mesmo sobre a Europa, que haveria de reunir no livro *Europa, os seus fundamentos hoje e amanhã*. São coincidências curiosas ou talvez já o desenrolar de um processo que o conduziria à cadeira de Pedro.

Evangelho e convida todos os cristãos a redescobrirem o fascínio de seguir Cristo". O Papa propõe aqui uma mudança de paradigma nas nossas opções pastorais: mais do que a questão de novidades, de experiências, de métodos, de meios técnicos e tecnológicos, o anúncio da Palavra de Deus na "nova Evangelização" deve pautar-se pela redescoberta do "fascínio" de seguir a Cristo, e firmar-se, sem medo, na certeza da eficácia da Palavra divina. Podemos afirmar que os seis anos de pontificado de Bento XVI são uma demonstração do "fascínio" que a Palavra pode exercer em alguém claramente convencido de que é por aí que os homens de hoje se poderão abrir ao conteúdo da Palavra e sobretudo a Jesus Cristo que é a Palavra de Deus na sua expressão mais fascinante como atestam os Evangelhos.⁵⁶

III - CONCLUSÃO:

Chegou portanto o momento de acolhermos o desafio de Bento XVI, segundo o qual "o nosso tempo deve ser cada vez mais o tempo de *uma nova escuta* da Palavra de Deus e de *uma nova evangelização*". Mesmo sabendo ser importante que "a voz da Palavra divina ressoe através da rádio, das auto-estradas da informação da Internet, dos canais de difusão virtual *on line*, dos CD, dos DVD, dos Podcast,

⁵⁶ Cremos ser essa convicção que leva o próprio Papa a escrever o livro *Jesus de Nazaré* onde procura apresentar Jesus na singularidade da sua pessoa, tal como o apresentam os Evangelhos, que ele vê como a *única fonte* para conhecermos o verdadeiro Jesus, ultrapassando as limitações e consequências de uma exagerada "crítica histórica". Aliás, nesse sentido se orientou também a intervenção de Bento XVI na Aula sinodal. Entre outros aspectos, retomou a importância da "*lectio divina*" como o melhor método de abordagem da Sagrada Escritura, recuperando a linha lançada já na Idade Média por São Bento de Núrsia. Haveria de ser apresentada no n. 86 da *Exortação Apostólica "Verbum Domini"*, acrescentando-lhe ainda um quinto momento: *acção*, eventualmente no seguimento das suas reflexões apresentadas já no artigo "Interpretation-Contemplation-Action", publicado em 1986 na *Revista "Communio"*.

(MP3) e outros, que apareça nos ecrãs da televisão e do cinema, é sobretudo “importante e urgente – na proposta do Papa – recuperar a leitura espiritual da Sagrada Escritura, particularmente a *Lectio divina*,⁵⁷ tomando a Bíblia como inspiradora da oração e de um encontro íntimo com o Deus que se revela na nossa vida e no nosso tempo, procurando, para além daquilo que Ele disse, “naquele tempo”, e que o autor humano nos transmitiu através da palavra escrita, o que, também hoje, o “Espírito diz às Igrejas” (Ap 2, 7).

Permiti-me por isso, em jeito de conclusão, algumas considerações pessoais, acerca da experiência de contacto com a Sagrada Escritura ao longo destes anos e em diversos âmbitos da formação e pregação. Nada mais que o fascínio da Palavra de Deus e dos estudos bíblicos me têm levado a dedicar a este tema muito do meu trabalho, tempo e até economias, o que justificará eventualmente o convite que agora me foi feito para esta intervenção, sabendo-se que não tenho qualquer formação específica em Sagrada Escritura. Este fascínio teve o seu início na descoberta casual de um livrito, numa gaveta velha em casa de meus pais, aí pelos oito ou nove anos, que levava por título “*Actos ou feitos dos Apóstolos*” (sic). É evidente que não me passava então pela cabeça que se tratasse de um texto bíblico; na catequese eu ouvia falar então apenas nos *Quatro*

⁵⁷ O grande especialista e cultor da *lectio divina*, Card. Carlo Maria Martini define-a do modo seguinte: “Colocar-se diante do texto com uma explicação simples, que saiba captar os pontos fundamentais e a sua mensagem permanente e que seja capaz de interpelar a pessoa que o lê e medita, estimulando-a a orar a partir do texto que tem diante de si. Resume-se em três palavras: *leitura*, pela qual se analisa o texto e se lê como se fosse a primeira vez; *meditação*, procurando captar a mensagem do texto para cada tempo e para cada um, valores que transmite, coordenadas do actuar divino que nos dá a conhecer: que é que este texto nos diz, que mensagem pretende transmitir? *Contemplação*, pela qual entramos em oração, em diálogo com Deus a partir da leitura e da mensagem do texto. (CARLO MARIA MARTINI, “A centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja”, comunicação ao Congresso sobre “A Sagrada Escritura na vida da Igreja” pelo 40.º Aniversário da Const. “Dei Verbum”; Roma, 14 a 18 de Setembro de 2005).

Evangelhos, único livro mais ou menos acessível e permitido ao grande público naqueles tempos⁵⁸. Uma coisa me ficou: o impacto que aquela leitura provocou na minha cabeça de criança com um limitado acesso a livros para além dos escolares. Mais tarde haveria de compreender que, por essa experiência da Igreja nascente e nomeadamente pela esperteza logo reconhecida no personagem principal do livrito – Paulo que, desde então, se tornaria até hoje no meu herói – passava, em grande parte, o êxito da evangelização e expansão da mensagem de Jesus. Esta experiência serviu-me ainda para aconselhar o começo da leitura bíblica precisamente pelo *Livro dos Actos*. Os estudos escriturísticos realizados em pleno Curso Teológico haveriam de, não sem muito esforço, sacrifício e até algumas desilusões, incrementar esse fascínio, alimentado por alguns mestres de que me orgulho e que procurei também não desiludir, como foram os padres Manuel Isidro Alves (que nos falava de São Paulo trazendo para as aulas apenas o Novo Testamento em grego) e Armindo Vaz que incrementou em nós o gosto pela análise textual. Em Roma, nos intervalos dos estudos musicais, e conhecido o meu interesse pelas “escrituras” os estudantes do Pontifício Instituto Bíblico convidaram-me a escutar monstros sagrados dos estudos bíblicos como Luís Alonso Schoekel, Ignace de La Potterie e, o mais fascinante, Émille Boismard que me deixou de cabeça à roda... Da obra de Gianfranco Ravasi colhi a sensibilidade artística perante o texto bíblico e com Giacomo Baroffio descobri o sentido de humor nestas coisas da Teologia e Escritura. A tudo isso devo acrescentar os desafios constantes lançados pelos meus alunos ao leccionar

⁵⁸ Mesmo na formação de Seminário Menor não era habitual a referência à Sagrada Escritura. As meditações eram baseadas em “livros de piedade” e a formação religiosa utilizava quer a *Bíblia das Escolas*, um resumo do texto bíblico com as passagens mais importantes um pouco romanceadas e uma obrinha muito interessante chamada *A Nossa História Divina* que nos iniciava na verdadeira História da Salvação e um conhecimento mais motivador do povo bíblico.

Sagrada Escritura, Escatologia, Cristologia, Mistério de Deus, Formação Catequética, etc.

Depois fui enfrentando as implicações da actividade de pregador, nomeadamente na procura de um fundamento bíblico ou teológico para a multiplicidade de títulos marianos e sobretudo para a “vida e mensagem” dos santinhos a quem são dedicadas, por aí, as nossas festas: é que nunca ninguém me convidou para pregar em honra de Santa Maria de Nazaré, de São Paulo, Santo Agostinho, e muito menos de São Basílio Magno, São Jerónimo ou Santo Ambrósio de Milão. Lá se vão safando, raramente, São Bento, São Pedro e São João Evangelista. Esta situação em que nos encontramos ainda hoje, cuja origem e fundamento procurei apresentar na minha exposição, torna-se profundamente exigente se quisermos ser sérios nestas coisas. Também vou aprendendo muito com os exercícios mirabolantes que sou obrigado a fazer no momento de relacionar os textos litúrgicos de cada Domingo com os titulares das festas, multiplicando as reflexões face aos diferentes contextos em que me propõem falar... Para além do mais, fazer diariamente uma pequena homilia representa um aliciante desafio e dá uma enorme tarimba, sobretudo no momento em que procuro ler a realidade de cada dia à luz da Palavra de Deus ou ler a Palavra à luz dos acontecimentos do momento, o que não poucas vezes me trouxe a insinuação de falar de política... A tudo isto se acrescentou recentemente o exemplo de pastor e liturgista que é Bento XVI, alguém que eu já admirava no teólogo Joseph Ratzinger, cujos textos acompanharam os meus primeiros passos nos estudos teológicos; ali encontro um eloquente modelo de alguém verdadeiramente fascinado pela Palavra de Deus, como acontece com aqueles que a vão escutando, lendo, estudando e a vão também “partindo em pequeninos”, como diziam os nossos clássicos.

Tem sido esta experiência a estimular o meu interesse pela Palavra de Deus e, creio eu, a provocar também algum fascínio em algumas das pessoas que fazem o favor e o sacrifício de me ouvir. É por isso que estou convencido de que a importância da Palavra de Deus na nova evangelização e na vida dos cristãos passa pela criação deste fascínio, pela experiência que nós teremos que viver para podermos testemunhar, aprendendo com os mestres, mais ou menos conhecidos, tentando superar a rotina e a mediocridade e sobretudo afastando definitivamente a ideia de que “estas coisas de Bíblia não são para o povo”. Pelo contrário: o povo pode não perceber tudo ou até muito do que nós podemos dizer numa reflexão bem preparada, mas compreende como ninguém o impacto que tem em nós aquilo que estamos a dizer; pode não compreender racionalmente os nossos argumentos, pode não seguir discurso de quem vai “esmiuçando” um texto ou estabelecendo relações entre diferentes textos, pode estranhar a utilização e esquecer logo o significado de uma palavra em grego, mas compreende certamente a linguagem do coração com que nós o fazemos.⁵⁹ Garanto que tive já vários testemunhos disso. Reparai em Bento XVI que, penso eu, fala para todo o povo cristão, e quantas vezes utiliza estes procedimentos. E a reacção das pessoas só poderá ser, afinal, a daqueles homens que, tendo sido enviados para prender Jesus, regressaram de mãos vazias apenas conseguindo gaguejar esta justificação: “é que nunca

⁵⁹ “Hoje em dia a pregação cristã apoia-se sobretudo no estilo simples. Faz-se familiar, humilde, agrada-lhe o tom da confiança e do testemunho. O vocabulário é fluente e nem sequer cultiva uma linguagem bela. Há que atribuir isto a duas razões: a preocupação por um discurso adequado a todos e uma certa indiferença pela arte oratória. Por vezes certos oradores dão mostras de elegância e usam o estilo moderado, usando uma linguagem brilhante. O estilo simples, quando é sistemático, revela uma subestimação do público, quase uma infantilização. Talvez que à simplicidade se pudesse acrescentar um pouco mais de elegância e de elaboração” (THIERRY-DOMINIQUE HUMBRECHT, *El Teatro de Diós. Discurso sin pretensiones sobre la elocuencia cristiana*, Ed. San Esteban, Salamanca, 2005, p. 145).

ninguém falou como aquele homem...” (Jo 7, 46). Colocar a Palavra de Deus “no coração da Nova Evangelização”, como me foi proposto dizer, implica, antes de mais, acolhê-la na simplicidade de um coração de criança e ajudá-la a germinar no coração dos que são também chamados a ser os “novos evangelizadores”,⁶⁰ para que, através dos diferentes meios, ela possa efectivamente chegar ao coração de todos os homens de hoje.

Apresento este desprezioso testemunho pessoal, porque estou convencido de que a importância e o lugar da Palavra de Deus na “nova evangelização” passa em grande medida por esta disponibilidade dos anunciadores, dos pastores, dos professores, dos pregadores, dos catequistas, para “acolher, compreender, amar e viver”,⁶¹ o fascínio e a beleza da Palavra. Não esqueçamos também que esta acção evangelizadora não deixa nunca de ser condimentada pela presença e acção do Espírito de Deus que “sopra onde quer” e muitas vezes tem a coragem, para não dizermos a desfaçatez de “ir soprar” a recantos que nós nem suspeitávamos. Mas é precisamente aí que germina o fascínio que a Palavra pode despertar em nós como quando, aos oito anos de idade, li pela primeira vez o *Livro dos Actos dos Apóstolos*.

Viana do Castelo, 20 de Janeiro de 2011

Jorge Alves Barbosa

⁶⁰ “Em especial as novas gerações, as crianças, os jovens, terão que ser os destinatários de uma pedagogia apropriada e específica que os conduza a experimentar o atractivo da figura de Cristo, abrindo a *porta da inteligência e do coração*, por meio do encontro e testemunho autêntico do adulto, a influência positiva dos amigos e da grande família da comunidade eclesial” (GIANFRANCO RAVASI, “*Mensagem Final do Sínodo dos Bispos*”, n. 12). “Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras” – dizia o P. António Vieira no *Sermão da Sexagésima*, IV.

⁶¹ “O Evangelho não adquire um sentido quando sou eu a dar-lho – eu, quer dizer, as minhas ideias, a minha própria vida – mas é portador de uma verdade, da Verdade, que a mim me toca acolher, compreender, amar e viver” (T.-D. HUMBRECHT, *o. cit.* p. 42).